

## **Descolonizando a literatura infanto-juvenil: experiências de uma Pedagogia Quilombola**

Autora: Gonçalves Eva Almeida de Santana <sup>1</sup>

Co-autora: Suely Dulce de Castilho<sup>2</sup>

Co-autora: Rosângela de Campos Silva <sup>3</sup>

### **Resumo**

Este texto objetiva apresentar a experiência de reescrita de clássicos da literatura infantil, desenvolvida por professores da Escola Estadual Tereza Conceição Arruda, localizada no Quilombo Mata Cavalo, Nossa Senhora do Livramento, Mato Grosso, ao perceberem que os livros infanto-juvenis presentes na referida escola, não permitem que as crianças quilombolas, em sua maioria negra, se sintam representadas. A metodologia de trabalho adotada, no âmbito da reescrita das histórias infanto-juvenil, foi estabelecida a partir do diálogo entre os gestores e os professores das séries iniciais do ensino fundamental, participação, integração e investigação bibliográfica com vista a fortalecer as compreensões sobre educação quilombola e étnico-racial. Os resultados nos possibilitou perceber a extrema importância da reescrita das histórias dos clássicos infantis, com ênfase nos traços específicos das crianças e jovens da comunidade Quilombola de Mata Cavalo, pois as mesmas pode contribuir para a valorização das ideias de negritude, empoderamento e resistência, da luta dos quilombolas e suas estratégias de libertação em relação aos processos de subalternização a que foram submetidos historicamente. O resultado nos leva a concluir que é possível e necessário produzir material diferenciado/afirmativo/antirracista, a partir das escolas quilombolas, tendo em vista resgatar a cultura e a representatividade das populações negras/quilombolas, tão silenciadas nas produções literárias do nosso país.

Palavras-chave: Produção de Material; Educação Quilombola; Reescrita

Literária.

---

<sup>1</sup> Mestra em Educação, Professora da E. E. Quilombola Tereza Conceição Arruda e Pesquisadora do Grupo de Estudos e Pesquisa em Educação Quilombola/GEPEQ/UFMT. E-mail: [evaquilombol77@gmail.com](mailto:evaquilombol77@gmail.com)

<sup>2</sup> Docente e pesquisadora do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Mato Grosso. Coordenadora do Grupo de Estudos e Pesquisa em Educação Quilombola/GEPEQ. E-mail: [castilho.suely@gmail.com](mailto:castilho.suely@gmail.com)

<sup>3</sup> Mestranda, Professora da E. E. Quilombola Tereza Conceição Arruda e Pesquisadora do Grupo de Estudos e Pesquisa em Educação Quilombola/GEPEQ/UFMT. E-mail: [rosangela.campos@hotmail.com](mailto:rosangela.campos@hotmail.com)

## 1. Introdução

O objetivo deste texto é apresentar a experiência de reescrita de clássicos da literatura infantil, desenvolvida por professores da Escola Estadual Tereza Conceição Arruda, localizada no Quilombo Mata Cavalo, Nossa Senhora do Livramento, Mato Grosso, ao perceberem que os livros infantis presentes na referida escola, em sua maioria contém personagens de princesas, príncipes, heróis, fadas, entre outros que não permitem que as crianças quilombolas, em sua maioria negra, se sintam representadas, ou seja, não encontram espaço para se sentirem protagonistas de uma história infantil.

Segundo Silva e col. (2019, p. 7) “para que as crianças se sintam representadas nas histórias, é preciso que os personagens crianças tenham voz e força, que quebrem os estereótipos colonialistas de controle social, de gênero e raça, e que sejam capazes de resolver os próprios conflitos e situações”.

Os professores e gestores da referida escola, cientes da carência de acervo literário que potencializassem o protagonismo de personagens quilombolas/negros nos contos infantis, iniciaram o Projeto: “Historinhas do quilombo”, de reescrita de clássicos das histórias infantis, como, Branca de Neve e os Sete Anões, Cinderela, dentre outros, com vistas a quebrar estereótipos de base colonialistas, racistas, sexistas e machistas, presentes, historicamente, na maioria dos livros de literatura infanto-juvenil trabalhados nas escolas, inclusive, nas escolas quilombolas.

Ancorados em Castilho (2004, p. 112) podemos afirmar que essa reescrita literária pode contribuir de forma significativa para que as crianças, em especial as crianças negras/quilombolas, “sejam despertadas para o mundo da escrita e da leitura vendo sua cor, sua história, sua cultura, suas características sendo representadas de forma positiva”. E, por outro lado, estimulam as crianças brancas e não quilombolas a compreender e respeitar as diversidades.

As diretrizes Curriculares Nacionais Quilombolas (2012, p. 3), fruto de lutas históricas dos movimentos sociais quilombolas, no seu artigo 1º, inciso V, assegura que a educação escolar quilombola “deve garantir ao estudante o direito de se apropriar dos conhecimentos

tradicionais e das suas formas de produção de modo a contribuir para seu reconhecimento, valorização e continuidade”, com garantia de “recursos didáticos, pedagógicos, culturais, e literários que atendam as especificidades das comunidades quilombolas” (BRASIL, 2012, p. 4).

Ou seja, conforme as Diretrizes Curriculares Nacionais Quilombolas, os discentes quilombolas devem ter acesso a história, cujo alicerce tenham referências nas vivências e experiências das/dos estudantes da comunidade quilombola, mostrando a beleza negra, reconstrução da cultura silenciada, a afirmação dos cabelos crespos/cacheados, o respeito pela ancestralidade, pela luta, pela resistência e pelo empoderamento das comunidades quilombolas e das populações negras.

É importante ressaltar, que a reescrita proposta pelos professores, não se trata de propagar dois tipos de literaturas para públicos distintos, ou ainda de substituir, em sala de aula, uma literatura pela outra. Mas sim de “incorporar outras perspectivas de leituras que rompam com os silenciamentos e preconceitos raciais existentes nas literaturas tradicionais, (CASTILHO, 2004, p. 112), evitando assim, o perigo de uma história única, conforme nos alerta Adichie (2019).

De um modo geral, a metodologia de trabalho adotada, no âmbito da reescrita das histórias infanto-juvenil, foi estabelecida a partir do diálogo entre os gestores e os professores das séries iniciais do ensino fundamental, participação, integração e pesquisa bibliográfica com vista a fortalecer as compreensões sobre educação quilombola e étnico-racial, e ainda, a partir dos encontros na formação do Curso de Etnossaberes, realizado semanalmente, em parceria com o Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação Escolar Quilombola (GEPEQ)/UFMT, realizados na Escola Estadual Quilombola Tereza Conceição Arruda, desde o ano de 2017.

A primeira história que foi reescrita foi a Negra Bela e os sete Pantaneirinhos, uma releitura/rescrita do clássico “Branca de Neve e os sete anões”, visto que essa história é bastante conhecida pelas crianças.

Os Professores como dito anteriormente, reescreveram o Clássico, denominado Negra Bela e os sete Pantaneirinhos, trazendo a história de uma menina negra, órfã de mãe, que vive muito feliz com seu Pai em um lindo Quilombo no cerrado mato-grossense. Quando o pai da Negra Bela resolve se casar novamente, ele o faz com uma mulher não quilombola. A madrasta de Negra Bela, uma mulher má, inconformado com a beleza da menina, encomenda sua morte. Ameaçada pela madrasta, Negra Bela foge para o Pantanal Mato-grossense, onde conhece os sete Pantaneirinhos, que logo se tornam seus amigos. A sua madrasta, descobrindo que a menina continuava viva, se vestiu de uma humilde senhora e foi até o Pantanal e envenena Negra Bela. A linda menina é salva por um pantaneiro que conhece as ervas curativas do lugar. Recuperada, Negra Bela, guerreira, destemida, retorna para seu Quilombo para dar fim às maldades de sua madastra e continuar a luta com seu povo.

Nessa reescrita, os professores trazem a valorização do território quilombola, realçando a beleza paisagística do lugar, a estética da negra/quilombola é exaltada, e a luta quilombola ganha espaço, além de que procura romper com o estereótipo sobre idosos, entre outros. Os resultados nos possibilitou perceber a extrema importância da reescrita das histórias dos clássicos infantis, com ênfase nos traços específicos das crianças e jovens da comunidade Quilombola de Mata Caval, pois as mesmas pode contribuir para a valorização das ideias de negritude, empoderamento e resistência, da luta dos quilombolas e suas estratégias de libertação em relação aos processos de subalternização a que foram submetidos historicamente, possibilitando ainda aos pequenos e pequenas a vivência da própria história, contribuindo dessa maneira para a construção positiva de sua subjetividade, de sua autoestima, e de sua identidade. Por outro lado, propicia uma formação crítica e reflexiva acerca da temática étnico-racial, cumprindo assim o que preconiza as Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação Escolar Quilombolas.

### **3. Conclusões**

A experiência de reescrita das histórias infantis que este trabalho relata, objetiva demonstra que é possível e necessário produzir material diferenciado/afirmativo/antirracista, a partir das escolas quilombolas, tendo em vista

resgatar a cultura, reafirmar a identidade e assegurar a representatividade das populações negras/quilombolas, tão silenciadas nas produções literárias do nosso país.

### Referências

Adichie, Chimamanda Ngozi. **O Perigo de uma História única**. Tradução Julia Romeu. – 1ª edição – São Paulo. Companhia das Letras, 2019.

Brasil. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Quilombola**. Parecer CNE/CEB nº 16 de 2012. Resolução nº 08, de 20 de novembro de 2012.

Castilho, Suely Dulce. Olhar de professor, Ponta Grossa, 7(1): 103-113, 2004.

Silva e col. **II COPENE NORDESTE**. 2º Congresso de pesquisadores Negros/Negras do Nordeste. 29,30 e 31 de maio de 2019. CCHLA/UFPB, Paraíba/PB.